

A luta que vara a noite¹

Paul B. Preciado

Vocês passam a noite de pé na Praça de *la République*, em Paris, e eu passo a noite acordada com vocês nas ruas de Atenas. Cai a noite uma hora mais cedo aqui, quando o céu escarlate se curva atrás do Partenon como num protetor de telas de um MacBook. Melodia que depois vai se deitar sobre Paris.

A revolução (a sua, a nossa) sempre nos cobrou acordar no meio da noite. Ativar a mente justamente quando ela parece entregar-se ao sono. A revolução (a sua, a nossa) é sempre um devir-trans: mobilizar um estado de coisas existente até chegar noutro que só o desejo conhece.

Vocês passam a noite em claro (#NuitDebout) na Praça de *la République*, em Paris, enquanto um grupo de refugiados se reúne em uma casa ocupada em Exárchia, para começar a Universidade Silenciosa em Atenas. Aqui na sala há quase tantas línguas quanto pessoas. Uma rede de tradução explica o funcionamento desta universidade criada em Londres, em 2012, pelo artista Ahmet Ögüt. Desde então, ela vem sendo ativada noutros lugares: Estocolmo, Hamburgo e Amã. A frase “todo o mundo tem o direito de ensinar” ressoa uma dezena de vezes: em urdu, farsi, árabe, francês, curdo, inglês, espanhol, grego... Pensada como plataforma autônoma de intercâmbio de conhecimento entre os imigrantes, esta universidade permite que aqueles que sabem algo possam se encontrar com aqueles que querem aprender, independentemente da validação acadêmica e do reconhecimento institucional dos títulos, da língua falada e dos pedidos de cidadania ou residência.

¹ Texto traduzido a partir da versão em espanhol e publicado em 21 de abril de 2016 em: <<http://uninomade.net/tenda/a-luta-que-vara-a-noite/>>

Alguém diz: “desde que comecei a esperar para conseguir asilo, não tenho nada. A única coisa que tenho é tempo, e nesse tempo posso aprender e posso ensinar.” Foi nesse tempo aparentemente morto da espera burocrática que o artista iraquiano exilado, Hiwa K, aprendeu a tocar violão clássico pelas mãos de Paco Peña, na Inglaterra. A resposta do governo inglês ao pedido de cidadania nunca chegaria, mas Hiwa K hoje toca flamenco como se fosse de Córdoba. Tenho aqui comigo alguns dos títulos dos cursos concedidos, hoje, na Universidade Silenciosa: História iraquiana, Literatura curda, Herótodo e a civilização dos Medes, Fundamentos do asilo político segundo a convenção de 1951, Como começar o seu próprio negócio, História da comida através das artes visuais, Caligrafia árabe... Se a experiência do exílio tenta reduzir o imigrante à passividade e ao “silêncio”, ao roubar-lhe o estatuto de cidadão político, a Universidade Silenciosa busca proliferar os processos de enunciação, para dar vida a uma nova cidadania do mundo.

Vocês varam a noite na Praça de *la République*, em Paris, enquanto o coletivo de cineastas anônimos sírios Abunaddara produz, a cada sexta-feira, desde o começo da revolução síria, um vídeo em que narra, por meio de documentário ou ficção, a vida do povo sírio, para além das representações midiáticas tanto do Ocidente cristão como do mundo muçulmano. Como se produz e distribui a imagem? Por que ninguém enxergou as vítimas do 11-S e, apesar disso, os corpos destroçados em Aleppo estão na primeira página de todos os jornais? Temos o direito de fotografar um migrante que chega à costa de Leros apertando contra o peito o corpo de seu filho morto? Diante da captura midiática e burocrática da imagem, Abunaddara propõe uma emenda à Declaração Universal dos Direitos Humanos: que se reconheça o direito à imagem como um direito fundamental.

Vocês varam a noite na Praça de *la République*, em Paris, enquanto outros corpos despertam também em Amã, em Damasco, em Atenas. Virá o especialista e a sua análise, virá o historiador e a sua memória, virá o professor e o seu currículo acadêmico, virão os políticos e seus partidos. Dirão que vocês estão loucos, que são ingênuos, dirão que é impossível que aqueles que não sabem possam ensinar. Dirão que todo jornalista tem direito de fazer o seu trabalho de informar. Dirão que tudo isso já aconteceu antes e não serviu para nada. Dirão que o importante mesmo é traduzir a força das praças nas urnas. Mas a revolução não tem nenhum propósito fora do processo mesmo de transformação que ela abre. O que é preciso (ou necessário), como aponta Bifo, é erotizar a vida cotidiana, é deslocar o desejo capturado pelo capital, pela nação ou a guerra, para redistribuí-lo no tempo e no espaço, vertê-lo em

tudo e em todos. Eles lhe dirão, ainda assim, que é impossível. Mas vocês, nós já estamos aqui.

Acordamos durante o dia como se o dia inteiro fosse noite. Aprendemos com aqueles que foram proibidos de ensinar. Ocupamos toda a cidade como se a cidade inteira fosse a Praça de *la République*. Como se a cidade inteira fosse a sua, a nossa noite.

* Paul B. Preciado (nascido Beatriz Preciado) é um escritor, filósofo e curador contemporâneo cujo trabalho foca nos tópicos identidade, gênero, feminismo, pornografia, arquitetura e sexualidade. Conhecido originalmente como uma escritora lésbica, Preciado anunciou em 2014 que estava em transição de gênero e, em janeiro de 2015, mudou seu primeiro nome de Beatriz para Paul.

